

A esponja de Barbosa du Bocage Uma revolução na oceanografia

Em 1864, José Vicente Barbosa du Bocage, professor de zoologia da Escola Politécnica de Lisboa¹, publica um artigo nos Proceedings of the zoological Society of London, onde comunica a descoberta de uma nova espécie do género Hyalonema, a que chamou Hyalonema lusitanicum. Este animal de aspeto peculiar é uma esponja.

As reações, na comunidade científica internacional, não foram consensuais e iniciou-se uma ampla discussão sobre a descrição e habitat deste animal. O género Hyalonema era, até à data, conhecido apenas ao largo do mar do Japão e os espécimes eram descritos como uma série de pólipos, fixos a uma estrutura de filamentos cristalinos, por sua vez associada a uma esponja numa das extremidades que serviria como substrato. A discussão foi intensa, com a participação de vários zoólogos de renome, tais como: Gray (British Museum, Londres), von Brandt (Academia das Ciências de São Petersburgo), Schultze e Valenciennes (Muséum d'Histoire Naturelle, Paris). Em resultado, Lovén (Naturhistoriska riksmuseet, Estocolmo) publica em 1868 um artigo nos Annals and Magazine of Natural History, onde faz referência a exemplares semelhantes aos do



A curiosidade sobre estes animais é notavelmente crescente e Barbosa du Bocage convida Perceval Wright (Trinity College, Dublin), com grande interesse nos fundos marinhos, para se deslocar a Portugal e realizar explorações nesta costa. Perceval Wright efetua então dragagens ao largo de Setúbal, a 1100m de profundidade. O material coletado incluiu exemplares intactos da esponja e a teoria de Lóven acaba assim por ser confirmada.

O exemplar aqui exposto pertence ao género em questão e está, por questões de preservação, colocado dentro do frasco em posição invertida (tal como interpretado por Bocage na altura).

Na altura, a teoria Azóica, de Forbes, previa a existência de vida animal apenas até aos 550m de profundidade. Assim, o grande contributo da esponja de Barbosa du Bocage para a oceanografia terá sido a demonstração de existência de vida animal a uma profundidade de 1100m, muito maior do que Forbes admitiu. A oceanografia ganhava uma nova escala.

1 – teve como morada o edifício onde nos encontramos